

Uma Análise das TV's Universitárias Federais da Região Centro Oeste¹

Gibran da Rocha BENTO²
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo

O presente artigo pretende analisar três tv's universitárias federais da Região Centro Oeste e a forma como se estruturaram a partir do foco que escolheram para sua programação. Segundo o estudo, os diferentes projetos são construídos em torno de quatro principais funções: institucional, jornalística, educativa e cultural. A partir das observações feitas em visitas técnicas realizadas às sedes da TVU, pertencente à UFMT, da TV UFG e do canal universitário da UFMS, pretende-se construir um panorama mostrando a forma como cada uma construiu seu modelo de comunicação audiovisual mais a partir do aprendizado empírico do que a partir de discussões conceituais e planejamento de atividades.

Palavras-chave: tv universitária; tv educativa; comunicação pública.

Introdução

Apesar de ser utilizado para se referir à produção audiovisual produzida pelas universidades brasileiras, o termo “tv universitária” não existe oficialmente. Esses canais se enquadram dentro do conceito de “tv's educativas”, existente na legislação brasileira desde a década de 60. Instituídas a partir do Decreto-Lei nº 236/67, em um momento em que a preocupação do governo federal era universalizar a educação formal por todo o país, as tv's educativas nasciam como objetivo transmitir aulas, conferências, palestras e debates. Como a legislação abria a possibilidade de universidades executarem o serviço de radiodifusão educativa, a partir de então começaram a surgir as primeiras “tv's universitárias”. Mesmo com a legislação sendo mudada e ampliada com o passar dos anos, não existe ainda uma regulação específica que separe as tv's universitárias das demais tv's educativas mantidas por fundações autônomas ou ligadas a governos.

Fundada em 2000 com o objetivo de congregar as Instituições de Ensino Superior (IES) que produzem televisão educativa e cultural, a Associação Brasileira da Televisão Universitária (ABTU) é a principal entidade de representação desse segmento no país. A

¹ Trabalho apresentado ao GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista da Divisão de Audiovisual da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), email: gibranbento@yahoo.com.br

Associação define a TV Universitária como toda aquela que é produzida ou coordenada por uma IES, com programação voltada estritamente à promoção da educação, cultura e cidadania, seja esta difundida por canal aberto, fechado ou mesmo pela internet. Apesar da definição abrangente, a entidade entende que não deve haver um modelo padronizado de tv universitária, por acreditar que assim estaria replicando o modelo comercial de comunicação e desconsiderando a autonomia de cada entidade para construir seu próprio projeto de acordo com as características do seu contexto.

Apesar da pertinência do pensamento que define a tv universitária como um modelo em constante construção, a falta de uma legislação específica, de um modelo padrão de administração, e mesmo de parâmetros conceituais acaba atrapalhando o desenvolvimento do segmento. Faz falta saber claramente o que é, como se constrói e para que servem as tv's universitárias. A especificidade local, a originalidade e a criatividade devem sim ser postas a serviço da programação, mas, sem um forte delineamento conceitual, o que vemos são iniciativas isoladas, sem apoio estrutural, sem planejamento e organização administrativa e que muitas vezes nem mesmo sabem o motivo de sua própria existência.

Segundo Denise Accioly (2009), um dos principais problemas para as tv's universitárias é a pequena participação da comunidade acadêmica. Professores, estudantes e técnicos que não estão diretamente vinculados à gestão administrativa ou à produção de programas pouco se interessam pelos rumos do canal. Accioly faz referência a autores diversos para referendar a idéia de uma tv que encampe o tripé universitário formado por ensino, pesquisa e extensão, estando, desta forma, mais próxima da sociedade.

Uma TV Universitária deveria estar voltada para a produção de conhecimento. Deveria estar atenta às políticas públicas de desenvolvimento social e cultural do país, do estado e da cidade e se inserir nessas políticas ou desenvolver, junto com os departamentos pertinentes, projetos destinados a oferecer voz à sociedade organizada (ACCIOLY, 2009).

De fato, a participação da comunidade acadêmica parece ser mesmo pequena, mas muito disso se deve ao fato de faltarem canais de diálogo das tv's universitárias com a sociedade. Em geral, a administração é vinculada à reitoria das universidades, seja diretamente, seja por meio de departamentos de comunicação ou mesmo via fundações culturais. Isso não é um problema em si, mas em geral a administração não abre mão de ter o controle direto sobre os rumos da tv e possui dificuldade em entender o canal universitário como comunicação pública e não como comunicação institucional. Flávia

Martelli chama atenção para a falta de autonomia da administração das tv's universitárias para qualificar o trabalho que desenvolvem:

Fazer televisão ainda é algo novo para as universidades que estão focadas no ensino, na pesquisa e na extensão – alicerces do ensino superior -, e ainda não conseguiram entender como uma televisão pode ser um dos elementos de estruturação e inovação da universidade, fazendo parte de um processo planejado de comunicação. Ao invés disso, criam-se barreiras ideológicas e políticas que impedem o desenvolvimento dessa mídia, que deveria ser tratada e considerada como tal e não apenas como mais um departamento da IES. Isso gera um conflito da própria definição do que é e para que serve uma TV universitária, saber qual a sua missão não apenas para as IES, mas também dentro do campo público, reflexão que deve ser realizada para o amadurecimento dessas TVs, que fazem parte de um cenário novo e diverso (MARTELLI, 2012).

Quais são as etapas que levam até o surgimento de uma tv universitária? Em geral, primeiro a Universidade se candidata à concessão de uma tv educativa junto ao Ministério das Comunicações (MiniCom) e depois que consegue a outorga é que se pergunta o que vai fazer com ela. Os programas nascem de acordo com o que as condições profissionais e materiais da universidade permitem fazer. Em muitos casos, acaba por ser então mais um símbolo de *status* para a Universidade exibir perante a sociedade do que exatamente uma ferramenta planejada e utilizada para alcançar determinado fim.

Funções das tv's universitárias

É importante tentarmos delimitar o conceito de tv universitária não apenas a partir do que pensamos como suas potencialidades, mas também a partir da observação do que é hoje efetivamente produzido por elas e pela forma como se estruturam para tal finalidade. Desse modo, podemos notar a existência de quatro as funções principais nas tv's universitárias: institucional, jornalística, educativa e cultural.

A função jornalística surge na programação das tv's universitárias a partir da tentativa de fazer um contraponto ao noticiário das emissoras comerciais, divulgando eventos e informações de interesse público que muitas vezes são ignorados ou não aprofundados pelas emissoras comerciais. Entram nessa categoria os programas de entrevistas, de debates, os documentários e os telejornais.

A função institucional é geralmente a que mais se ressalta na programação das emissoras educativas. É caracterizada pela produção de programas de diversos gêneros que servem para a divulgação das realizações, dos eventos e do conhecimento produzido dentro

da Universidade. Nesta função, muitas vezes assuntos de interesse pessoal de reitores e professores - como participações em congressos específicos de determinada área ou ações administrativas da universidade - aparecem travestidos de questões de interesse público. Confunde-se inclusive o interesse jornalístico com o institucional, gerando, em diversas ocasiões, matérias de formato jornalístico, mas com conteúdo publicitário.

A função educativa da tv universitária talvez seja a mais antiga, pois remete à finalidade original do surgimento desse segmento da comunicação. Esta função surge quando a tv é utilizada enquanto ferramenta de ensino para a educação à distância, com a oferta de cursos por meio da transmissão de vídeo-aulas, palestras e seminários. Desde o surgimento da internet, as iniciativas de EAD parecem cada vez mais voltadas para essa nova forma de comunicação e, talvez, esse seja um dos motivos pelos quais se encontram cada vez menos programas voltados à capacitação pessoal e profissional nas tv's educativas. No entanto, podemos incluir também dentro da função educativa os programas vinculados a cursos universitários, geralmente de Comunicação, que utilizam a televisão universitária como laboratório para o aprendizado dos estudantes.

Por último, temos ainda a função cultural. Talvez esta seja atualmente a função com maior apelo dentro do pensamento sobre a programação das emissoras universitárias, na busca da promoção da diversidade. Podemos classificar como culturais os programas que visam divulgar as tradições regionais e a produção dos artistas locais, que nem sempre são vistos nas tv's comerciais. Podem ser classificados com programas com função cultural aqueles que se destinam à transmissão de shows musicais, espetáculos teatrais, eventos culinários, entre outras formas de manifestação artística.

Como veremos a seguir, muitas vezes essas quatro funções existem em uma mesma tv universitária (poderíamos dizer que quase sempre), mas, até mesmo pelas dificuldades financeiras, dificilmente (poderíamos dizer que quase nunca) possuem o mesmo grau de hierarquização. Sempre uma ou duas destas funções se destacam na programação.

As tv's universitárias do Centro Oeste

Após descrever as principais funções presentes na programação das tv's universitárias, pretendo analisar como elas se relacionam na atividade de três canais pertencentes a instituições federais de ensino superior da Região Centro Oeste: a TVU, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com sede em Cuiabá; a TV UFG, mantida pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com sede em Goiânia; e o Canal Universitário de Campo Grande, que conta com produções da tv da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Esta pesquisa surgiu a partir do interesse da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), à qual sou vinculado, em criar sua própria TV. A UFGD foi selecionada após Aviso de Habilitação do Ministério das Comunicações ter colocado em disputa a concessão de outorga para um canal educativo na cidade de Dourados, que possui cerca de 200 mil habitantes e é o segundo maior município do estado do Mato Grosso do Sul.

A partir de então, pensando no planejamento para a futura implantação da nova emissora, visitas técnicas foram agendadas aos canais já existentes mantidos por universidades federais da região. A expectativa era acessar o conhecimento adquirido por décadas de experiência prática dessas tv's, de forma que facilitasse o caminho a ser percorrido em termos de montagem das estruturas técnica, legal, administrativa e de conteúdo.

O número de canais de televisão geridos por universidades cresce a cada ano no Brasil. Segundo dados da ABTU, em 1997 o país contava com apenas 25 emissoras. Em 2010, este número já havia saltado para 151 - um aumento de cerca de 700% em 13 anos. No entanto, aparentemente a integração entre cada uma dessas iniciativas é mínima e a busca de um modelo que possa ser considerado sustentável ainda está longe de alcançar suas metas.

(...) as TVs universitárias não possuem um modelo único de gestão e isso se dá por várias razões. Primeiramente essas TVs estão ligadas às políticas de gestão das IES, que possuem diferentes especificidades. Dessa forma, as TVs seguem os regimentos internos das instituições, faltando autonomia de gestão na maior parte dos casos. A falta de um modelo de gestão pode ser observada também pelo modo como essas TVs foram constituídas e estão subordinadas a diferentes departamentos da universidade. Algumas TVs estão ligadas às reitorias, outras às assessorias de imprensa ou aos cursos de comunicação, gerando diferentes objetivos. Esses objetivos influenciam diretamente na programação de uma TV, que passa a ser uma produtora da universidade com o propósito de veiculação apenas de conteúdos produzidos em seus campi. Em outros casos, as TVs são utilizadas como ferramenta

de aprendizagem dos alunos de jornalismo e escoamento da produção acadêmica laboratorial, e tem ainda as TVs que são vistas apenas como instrumento de marketing da IES (MARTELLI, 2012).

No entanto, as dificuldades para definir um modelo de gestão que seja operacionalmente viável começam antes mesmo de as universidades adquirirem a concessão dos canais. Durante anos, sem nenhuma política de apoio do Ministério da Educação (MEC), as universidades precisam fazer andar diversos trâmites burocráticos junto ao MiniCom. Como não são empresas de comunicação nem possuem profissionais familiarizados com esses tipos de processos, muitas vezes a incapacidade de responder de forma ágil às demandas gera consequências negativas para as universidades com projeto de criação de tv educativa. Exemplo disso ocorreu com a UFG. Por falta de capacidade para executar corretamente cada uma das etapas, a universidade goiana chegou a perder os processos de concessão de duas outorgas até finalmente poder colocar sua programação no ar. Foi somente após a criação da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural (RTVE), nos anos 90, que a UFG conseguiu concentrar seus esforços de forma produtiva para viabilizar sua emissora. Em 2004 foi publicada a outorga concedendo o uso do canal 14 para a TV UFG e em dezembro de 2009 ocorreu a primeira transmissão.

A TV UFG é uma emissora educativa e cultural que abrange em sinal aberto a Região Metropolitana de Goiânia e conta com cerca de 50 funcionários, divididos em diversos departamentos e funções. O custo operacional da emissora, incluindo salários, chega a um milhão de reais por ano. Para arcar com os gastos, a RTVE fecha diversos contratos para prestação de serviço, tanto com a UFG quanto com outras instituições alheias à Universidade. Após celebrar convênio com a Agência Goiana de Comunicação (Agecom/TBC), o parque de transmissão da TV UFG foi instalado na mesma torre e espaço físico ocupado pela emissora pública pertencente ao governo estadual, no Morro do Mendanha. Já os estúdios e a produção da TV UFG funcionam no terceiro andar do prédio da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE) da UFG, no Câmpus Samambaia.

Com o objetivo de promover um debate sobre suas finalidades, em novembro de 2009 a TV UFG realizou seu primeiro colóquio, com o tema “A construção de uma televisão pública, educativa e cultural”. Na ocasião foram apresentadas as resoluções 001/2009 e 002/2009, que reafirmam o caráter público da TV UFG e que regem a política de produção cooperada e de captação de produtos audiovisuais.

A grade fixa da TV UFG conta com sete programas produzidos pela emissora, além de projetos especiais realizados eventualmente. Boa parte da programação é destinada aos jovens e ao universo estudantil. O programa “Faz o Quê?” é voltado aos pré-vestibulandos e aborda o funcionamento das diferentes profissões e áreas do conhecimento; “Paixão por Ensinar” exhibe relatos de diversos professores sobre suas carreiras; já o “Viver Ciência” busca estabelecer uma ponte entre o mundo científico e a vida cotidiana. A TV UFG realiza ainda interprogramas intitulados “Pensar Direitos Humanos”, que surgiram a partir da necessidade de complementação do conteúdo de um curso de especialização da Universidade, e um programa de variedades intitulado “Ei!”, que apresenta entrevistas de personalidades de diversas áreas.

O único programa jornalístico da grade é o “Conexões”. Já a função institucional ganha destaque por meio do “Conhecendo a UFG”, que registra e divulga questões de interesse da Universidade.

Fundamental para o bom funcionamento da TV UFG é a capacidade de diversificar as parcerias. A emissora possui projetos em conjunto com o Canal Futura, a TAL, e a TV Brasil, além de utilizar conteúdo compartilhado por outras tv’s universitárias brasileiras por meio da Rede IFES. Para a TV UFG seria muito difícil manter a qualidade que se propõe a oferecer sem essas parcerias, pois as fontes de financiamento de uma emissora educativa são muito limitadas e isso acaba afetando o conteúdo produzido.

A UFMT escolheu outro sistema para administrar a sua emissora. Veiculando seus programas no canal 02, em VHF, para toda a cidade de Cuiabá, a TVU não é gerida por Fundação. Quem coordena suas atividades é a Secretaria de Comunicação, ligada à Reitoria. Estando diretamente dentro do organograma da Universidade, a TV possui restrições legais mais rígidas para contratação de funcionários e menor liberdade orçamentária. Por outro lado, sendo um departamento da UFMT, a universidade pode repassar verbas diretamente para a emissora manter suas atividades - sem necessidade de formalizar contratos de prestação de serviço.

A TVU possui contrato com a Rádio e TV do Senado Federal, que paga uma quantia mensal relativa ao uso da torre e de espaço da UFMT para instalar suas antenas e seus transmissores em Cuiabá. Essa é uma importante fonte de renda para o canal, que utiliza a verba principalmente para reparos técnicos em equipamentos. No momento, a TVU passa por uma fase de reestruturação. Entre seus objetivos está a criação de um Conselho de

Programação. Mudanças também estão sendo feitas para garantir mais agilidade no dia a dia da TV.

Em sua grade a TVU da UFMT possui um foco maior na função jornalística, se comparada à TV UFG, com os programas “Repórter Mato Grosso” e “Edição TVU” apresentando matérias sobre fatos acontecidos no Estado. A função cultural se destaca nos programas “Você no Cinema”, sobre a produção regional de filmes, “Convidado de Sexta”, com apresentações musicais, e “Conheça Mato Grosso”, que fala sobre pontos turísticos do Estado.

Com função educativa aparecem os programas “UFMT.Ciência” e “Agora Quando?!” – este último sendo um projeto de extensão realizado em parceria com a Faculdade de Comunicação que tem como objetivo fazer os estudantes aplicarem na prática o conteúdo teórico aprendido em sala de aula. A função institucional aparece nos interprogramas “Por dentro da UFMT”, onde são apresentados vídeos produzidos nos campi da UFMT na capital e no interior.

Falando sobre o “Programa de Índio”, um dos primeiros a ir ao ar pela TVU da UFMT, Nilo Alves Bezerra, chama atenção sobre que tipo de conteúdo era buscado pelos administradores da emissora ainda em seus primórdios. Destacava-se então a função cultural da emissora, na tentativa de valorizar determinadas tradições locais que possuíam pouca divulgação por parte dos canais de televisão comerciais de Cuiabá.

A temática veio ao encontro de princípios da televisão pública, tais como o da complementaridade do sistema público ao privado, promoção da cultura nacional, respeito à pluralidade nacional. A TVU, naquele momento, dava visibilidade às diversas minorias étnicas que formam as nações indígenas da Amazônia e Centro-Oeste, mostrando ao povo brasileiro a diversidade nacional, a cultura dos habitantes da selva e do cerrado e também seus problemas e suas necessidades. O programa cumpria com o objetivo da tv pública de desenvolver a consciência crítica do cidadão, fomentar a construção da cidadania e inclusão social (BEZERRA, 2012, pgs. 110 e 111).

Segundo Bezerra, a orientação da TVU é dada pelas instâncias superiores da UFMT. Ele explica que as pautas são originadas sempre na Coordenação de Jornalismo e Imprensa ou na Secretaria de Comunicação e Multimeios da UFMT, com a programação sendo construída sem participação de produtores externos (BEZERRA, 2012, pg.131). Ele explica que a emissora atua como um órgão funcional da UFMT, produzindo primordialmente matérias sobre a instituição. Apesar de acreditar na missão de veículo de divulgação institucional da

emissora, especialmente ao colocar à disposição da população o conhecimento produzido dentro da academia, o autor também encontra problemas ocasionados pela falta de autonomia.

O maior problema desse atrelamento aos planos e projetos da universidade é que ela perde a estabilidade na sua política de comunicação, ficando à mercê do administrador do turno e dos funcionários do momento. Enquanto emissora estatal, suas transformações são lentas e sua programação é alheia à concorrência e despreocupada com a audiência (BEZERRA, 2012, pg. 132).

Tanto a TVU da UFMT quanto a TV UFG retransmitem a programação da TV Brasil, emissora pública do Governo Federal vinculada à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Por regras de convênio, as educativas possuem autorização para exibir até 4 horas diárias de programação própria. No entanto, devido às históricas dificuldades financeiras para produção de conteúdo local por tv's educativas, as emissoras universitárias nunca preenchem completamente toda a grade disponível.

Canais a cabo

O serviço de televisão com fins educativos foi criado em 1967, mas sua normatização mudou diversas vezes desde então. Os canais universitários podem ser veiculados em dois tipos de sistema. As emissoras que possuem outorga para difusão por sinal aberto são classificadas como canais educativos. No entanto, em 1995 entrou em vigor a lei 8.977, conhecida como Lei do Cabo. Ela estipula que toda empresa que comercialize canais pagos no sistema de transmissão por cabos deve disponibilizar uma faixa à programação de universidades da localidade onde opera.

Este é o caso da TV Universitária da UFMS, que veicula sua produção no canal 14 da NET Campo Grande. A programação do canal universitário em Campo Grande é compartilhado entre a UFMS, a Uniderp e a UCDB. A TVU conta com um pequeno bloco dentro do campus da UFMS, onde está instalada a redação do jornalismo e a sala de edição. Há também uma pequena sala onde são guardados os equipamentos. A TV não possui estúdio próprio, por isso compartilha o mesmo que é utilizado pelos estudantes do Curso de Jornalismo da UFMS.

A equipe que produz a programação da TVU é formada por cerca de 10 pessoas, contratadas em regime CLT, por meio de empresa licitada. Eles se dividem em duas equipes, em turnos matutino e vespertino. Entre os funcionários existem editores, cinegrafistas, repórteres e produtores. Apesar de existir há cerca de 15 anos, apenas em

2011 a TVU entrou para o organograma da UFMS. Até então, oficialmente, era apenas um projeto independente desenvolvido pela Coordenadoria de Comunicação Social. Mesmo com essa importante mudança, a equipe da TVU continua sendo apenas formada por funcionários contratados, sem a presença de nenhum técnico concursado ou professor da instituição, nem mesmo em cargos de coordenação ou direção. De fato, a TV UFMS não possui um diretor responsável, somente uma subordinação formal à chefe da Coordenação de Comunicação Social. Esse cenário acaba contribuindo para que a TVU fique como um órgão isolado, sem planejamento e, conseqüentemente, sem força para se desenvolver.

O principal programa produzido é um informativo em formato jornalístico mas com matérias de conteúdo institucional, sempre envolvendo ações da UFMS. Também são exibidos alguns programetes com dicas culturais e de saúde, além de eventuais documentários e entrevistas especiais.

Conclusão

Segundos dados da ABTU, 9% das instituições de ensino superior do Brasil possuem algum canal universitário. No entanto, a capacidade média de produção inédita por semana nunca ultrapassa 6 horas. A maioria das emissoras produzem telejornais diários, exibindo matérias de interesse local. Programas institucionais também são frequentes. Neles, o foco é apresentar os cursos e a produção acadêmica das universidades para a comunidade. Nesse sentido, em Cuiabá é produzido o *UFMT Ciência*, um bate-papo sobre as pesquisas desenvolvidas pela Universidade, realizado em parceria com os estudantes do Curso de Comunicação Social. Na mesma linha, a TV UFG, por sua vez, possui o *Viver Ciência* e o *Faz o Que?*. Programas artísticos e culturais também são comuns na grade das universitárias. A UFMS produz, por exemplo, o programa *Todas as Artes*, que mostra o trabalho de artesãos de Campo Grande. As emissoras educativas ainda costumam produzir programas especiais e transmissões de eventos.

Apesar de cada emissora analisada possuir uma estrutura diferente, os desafios que enfrentam são basicamente os mesmos: financiamento para as produções, manter o dinamismo do trabalho - mesmo com todas as restrições da burocracia de um órgão público, e garantir a qualidade e o interesse público da programação. Mas em todos os casos, percebemos que quem trabalha nessas emissoras possui o pleno entendimento que a

comunicação pública é fundamental para a democracia e que as universidades precisam estar presentes nesse processo.

Observando o trabalho de três canais universitários da Região Centro Oeste podemos perceber que entre as quatro principais funções que abordamos neste artigo, duas se destacam. Em primeiro lugar, a função institucional. Todas as tv's analisadas apresentam programas que ressaltam as atividades da universidade à qual pertencem - seja na apresentação dos cursos de graduação e pós-graduação, na divulgação de eventos, ou em entrevistas com reitores, pró-reitores e professores divulgando suas realizações e pesquisas acadêmicas.

A outra função que se destaca na programação das tv's educativas é a jornalística. Programas de debates e de entrevistas em estúdio são muito utilizados, até pela simplicidade e pelo baixo custo que geram para serem produzidos. Mas programas em formatos telejornalísticos, com apresentadores em bancadas e matérias externas também são muito comuns. Muitas vezes o formato é jornalístico, mas o conteúdo é institucional, com a divulgação de exposições, eventos e atividades diversas realizadas dentro do campus.

A função cultural não é a que mais se destaca, mas parece ser a que os produtores mais anseiam por realizar. No entanto, a não ser quando filtradas por programas em formato jornalístico (entrevistas, matérias, debates, etc...), iniciativas de promoção da diversidade cultural ainda são tímidas – muito devido ao fato de serem trabalhosas e caras de serem produzidas.

Durante muitos anos, o desejo de transformar as tv's universitárias em veículos de massa que se contrapusessem à lógica das emissoras comerciais, ou até mesmo complementassem ou aprofundassem o viés informativo das mesmas, acabou gerando um pensamento que superestima as possibilidades desses canais. Esse pensamento quer que as tv's universitárias sejam simultaneamente a soma de todas as suas potencialidades – ao mesmo tempo veículos de formação, divulgação, transformação e experimentação. Apesar de haver ótimos pressupostos nesse pensamento, ele ignora muitas vezes as limitações econômicas, profissionais, técnicas e até mesmo burocráticas da realidade. É preciso que as tv's universitárias voltem a pensar na possibilidade de serem ferramentas criativas para a difusão de educação e do conhecimento junto a públicos segmentados.

REFERÊNCIAS

ABTU – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA. Disponível em: <www.abtu.org.br>. Acesso em julho de 2014.

ACCIOLY, Denise. **TV Universitária: A Televisão da Universidade**. Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Educação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Paraná, Curitiba, 2009.

ADORYAN, Adriano, MAGALHÃES, Cláudio Márcio e PASCHOAL NETO, José Dias. **Produção colaborativa e convergência de mídia na TV: uma proposta de inovação e tecnologia social para as TV's Universitárias**. Avaliação (UNICAMP), v. 18, p. 417-433, 2013.

BEZERRA, Nilo Alves. **A Televisão pública brasileira na contemporaneidade: o caso da TVU da UFMT**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, Cuiabá, 2012.

FERNANDEZ, Andrea Ferraz, ESPINDOLA, Marcelo, TEIXEIRA, Vitor Busnardo Torres e FALCHETTI, Maurício. **Rede IFES: Propostas para Otimização de uma Plataforma de Compartilhamento de Conteúdo Audiovisual entre Instituições Federais de Ensino Superior**. Trabalho apresentado no GP Conteúdo Digitais e Convergências Tecnológicas do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Paraná, Curitiba, 2009.

GIANORDOLI, Tatiana e TATAGIBA, Suzana. **Extensão e comunicação: a TV universitária como meio efetivo de disseminação da informação**. Disponível em: <<http://www.fnpi.org.br/dados/grupos/extensao-e-comunicacao-a-tv-universitaria-como-meio-efetivo%5B27%5D.pdf>> Acesso em 20 de julho de 2014.

MARTELLI, Flávia Cortese. **TV Universitária, um modelo de gestão em construção: TV UNAERP de Ribeirão Preto**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.

ORTIZ, Pedro. **TV USP – perspectivas e desafios futuros de uma TV Universitária**. Revista USP, São Paulo, n. 61, p. 136-145, março/maio 2004.

PEZZO, Mariana Rodrigues, BOTELHO, Rodrigo e RODRIGUES, Ricardo. **Funções e projeto de rádios e TV's universitárias: a experiência da UFSCar na implementação de seus veículos**. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **A contribuição de canais universitários para a comunicação pública**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/9d/GT8 - 03 - A_contribuicao_dos_canais- Alzimar.pdf> Acesso em 20 de julho de 2014.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **Mapa da TV Universitária Brasileira**. Disponível em: <<http://abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Mapa-da-TV-Universitaria-Brasileira.pdf>> Acesso em 20 de julho de 2014.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa**. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.